

Passeio por nós

Jane Tutikian*

Me acompanhem. Estamos em plena década de sessenta. O anticoncepcional chega, trazendo consigo a revolução sexual, e as mulheres queimam o sutiã (ok! Na época se chamava corpinho.) em praça pública, exigindo igualdade. O homem lança-se ao desconhecido e pisa na Lua, produzindo descrentes, os que atribuíam à Nasa (e há os que ainda atribuem!) as magias de Hollywood. As comunidades jovens, alternativas, ostentam o V da vitória e o Paz e Amor, apostando tudo na Era de Aquário. Woodstock torna-se o ícone do movimento hippie com a exposição aquariana: três dias de paz e música. A contracultura ganha corpo, e a sociedade alternativa, cuja simplicidade é o ideal de uma nova vida e de uma nova humanidade, planta margaridas.

É verdade, os EUA mandam suas tropas para o Vietnã. É verdade, a Guerra Fria se acirra. É verdade, há o maio de 68. É verdade, por aqui, o Golpe Militar e o famoso AI-5 declaram, definitivamente, o fim das liberdades.

Os Beatles cantam o *Strawberry fields forever*, a Jovem Guarda embarca no calhambeque do Roberto Carlos, que ainda não usava sapatos brancos, as músicas dos Festivais da Record buscam dizer, em termos políticos, aquilo o que a literatura não está conseguindo. O Tropicalismo embaralha toda a ideia de identidade nacional.

Cheguemos mais perto. Pessoas são presas, pessoas desaparecem. O Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal é um grande e sorrateiro agito. A Faculdade de Filosofia é um perigo e um alvo: é o centro das reflexões sobre o papel político da Universidade, que é invadida pela polícia política e tem professores cassados. Alunos apanham.

Se há mal, que se corte pela raiz! E o grande corte é a fragmentação da Faculdade de Filosofia. Em 1970, sob o embalo dos anos sessenta, ela é desmembrada em cinco unidades: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Faculdade de Educação, Instituto de Biociências e Instituto de Letras.

Para ser mais precisa, o Instituto de Letras foi criado em 1.º de setembro de 1970, pela Portaria 716, com o nome de Instituto Central de Letras. A criação dos Departamentos ocorreu no ano seguinte, em 18 de março: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Departamento de Línguas Modernas e Departamento de Linguística e Filologia.

Aquele curso de Letras-Licenciatura que fora criado em 1942 e teve autorizado seu funcionamento em 1943 com três terminalidades distintas: Curso de Letras Clássicas, Curso de Letras Neolatinas e Curso de Letras Anglo-Germânicas, e reconhecido pelo Decreto n.º 17.400, de 19 de dezembro de 1944, cujo currículo mínimo obedeceu ao Parecer n.º 283/62 do Conselho Federal da Educação (CFE), com

as seguintes habilitações: Português e Literatura de Língua Portuguesa, Português e Língua Moderna, Português e Latim, Português e Grego, encontrava, agora, abrigo no novo Instituto.

Na primeira fase, o profissional de Letras era diplomado em Latim e Português em todos os três cursos e mais Grego no Curso de Letras Clássicas; Espanhol, Francês e Italiano no Curso de Letras Neolatinas; Inglês e Alemão no Curso de Letras Anglo-Germânicas. Após o Parecer 283/62, os profissionais de Letras eram tradicionalmente Professores de Língua Portuguesa, Inglesa e Francesa. Nas últimas décadas, no entanto, os estudos linguísticos experimentaram significativos avanços que privilegiaram a linguagem como instrumento primordial de comunicação.

O rápido progresso das pesquisas linguísticas, somado ao crescente e intenso intercâmbio técnico-científico entre as nações, determinou o surgimento do tradutor como uma nova habilitação profissional. O Curso de Letras-Bacharelado foi criado em 1973 e reconhecido pelo decreto n.º 80.798, de 22 de novembro de 1977, com habilitações Tradutor e Intérprete.

Cheguemos mais perto ainda. Voltemos ao nosso tempo, me acompanhem. Essas Unidades Acadêmicas completam 40 anos. Número redondo. Número de repensagem. Já disse Luís de Camões, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. É a revolução técnica e tecnológica em todos os níveis, e temos de discutir a pós sem sequer termos dado conta da modernidade. É a reprodução de Restelos esquecidos, miseráveis, pelos cantos do planeta onde impera a nossa insensatez. As margaridas foram pisadas, e o V da vitória, tão paz e amor, cedeu seu lugar ao "dream is over" de quem foi mais famoso "do que Jesus Cristo". Os homens passam pelo processo de hominização e assumem a casa e os filhos. As mulheres não querem mais igualdade, mas o respeito à diferença e descobrem o silicone. A derubada do muro de Berlim torna-se o acontecimento mítico do século, e o capitalismo avança e a fome avança e o quarto mundo avança, aquele que Michel Serres define como a planetarização da miséria e da violência. Decreta-se o fim das utopias! Globaliza-se a economia, mundializam-se as comunicações. A indústria cultural abocanha espaços esquecidos. A redemocratização do país tem seus altos e baixos, mas,

felizmente, iluminada pela transparência tanto para o mal quanto para o bem.

E as cinco Unidades, fragmentos implodidos de determinada década, revivem ao longo do contraste dos tempos e dos estudantes que hoje recebem. Enfraqueceram? Não.

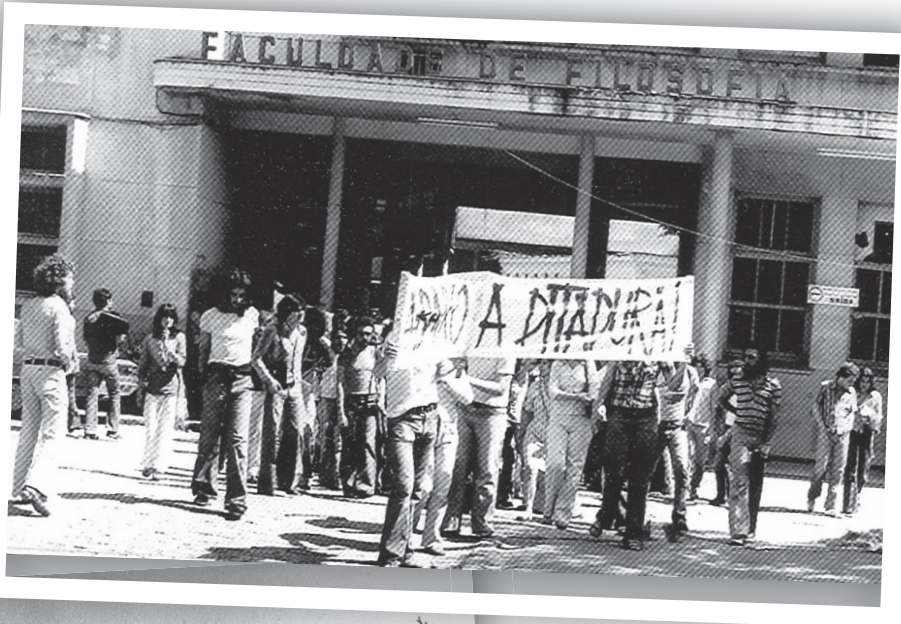
Hoje, o Instituto de Letras possui uma Graduação que envolve 14 ênfases na licenciatura e seis ênfases no Bacharelado, e é o único no Sul do país a oferecer uma formação clássica. O Programa de Pós-graduação, criado em 1975, é um dos melhores da área, oferecendo formação tanto em nível de mestrado como de doutorado, em Estudos da Linguagem e Estudos de Literatura, abrangendo oito especialidades. Na primeira: Linguística Aplicada, Teorias do Texto e do Discurso, Teoria e Análise Linguística e Teorias Linguísticas do Léxico; na segunda: Literatura Comparada, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Luso-Africanas e Literaturas Estrangeiras Modernas.

Fruto do empenho daqueles que professam as Letras, o Instituto de Letras, ao longo desses anos, vem promovendo o ensino e contribuindo para o avanço da pesquisa e da extensão, alargando os campos do conhecimento e de atuação na área, com uma atestada história de qualidade.

O Instituto de Letras assumiu a sua autonomia e fortaleceu-se na consciência de seu papel político e de seu compromisso histórico com as áreas humanas. Está voltado para a luta incansável de construção de uma sociedade com pensamento crítico e capacidade reflexiva (de que poderia servir uma humanidade capaz de fazer e incapaz de refletir sobre aquilo o que faz? Ah! Revejo Chaplin, em Tempos Modernos, apertando parafusos no ar!), comprometida com os seus próprios avanços, sim, mas, sobretudo, com o fazer-se mais justa.

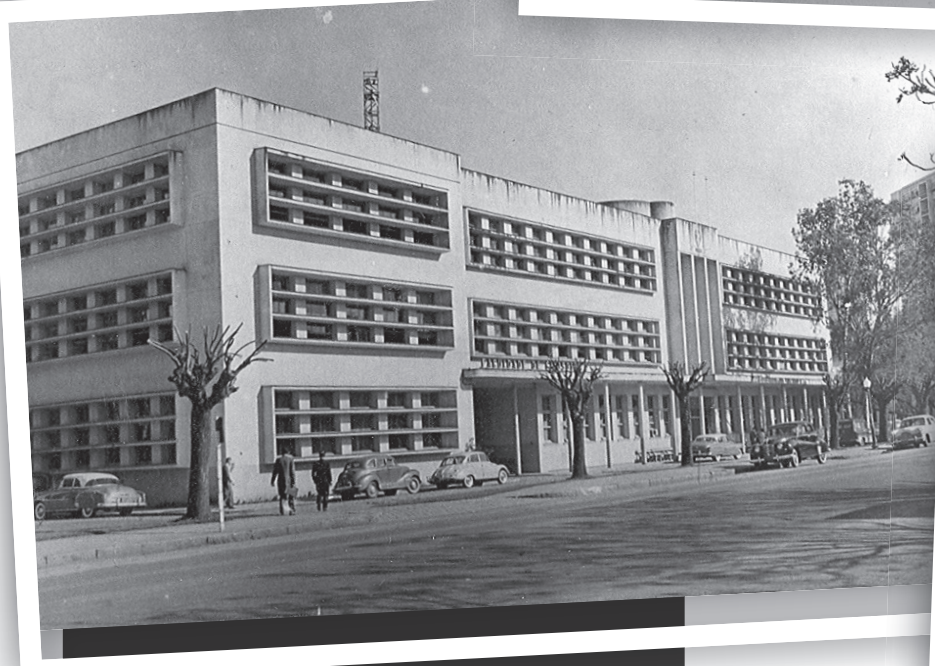
É por isso que o aniversário de 40 anos do desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia é um aniversário de todos nós, que jamais somos apenas o hoje! Ele, o aniversário, e nós trazemos conosco as histórias de décadas que revelam a grandiosidade pequena e a pequenez grandiosa da nossa própria humanidade.

*Diretora do Instituto de Letras

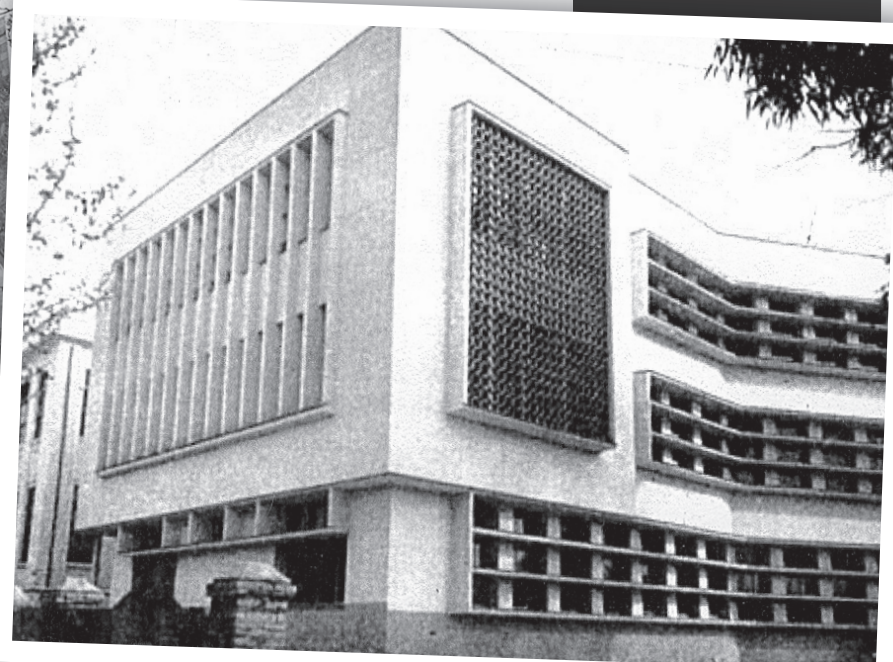


Motivados pelos expurgos de muitos de seus professores, os alunos dos cursos da Faculdade de Filosofia deflagraram uma greve que durou mais de um mês

Prédio hoje conhecido como Anexo I da reitoria, abrigava o Curso de Filosofia, Ciências e Letras, que era centro do pensamento crítico e da inovação



Da divisão da Filosofia resultaram cinco unidades: os Institutos de Letras, de Biociências e de Filosofia e Ciências Humanas, e as Faculdades de Educação e de Biblioteconomia e Comunicação



O trabalho de pesquisa de professores e estudantes do Instituto de Biociências soube perceber as demandas da comunidade



Ciência

João Ito Bergonci*

O Instituto de Biociências Básicas do UFRGS, criado em 1970, reunindo as áreas de Física, Química, Farmácia, Odontologia, Medicina Veterinária, Educação Física e Educação Física, antigo Instituto de Ciências Básicas, ligadas à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Contudo, não podemos esquecer que o curso de Ciências Biológicas, precursor do curso de Ciências Biológicas, era ligado à Faculdade de Filosofia e Ciências. Ele apresentava um forte direcionamento para o ensino secundário, tendo sido criado em 1942, bem como no elenco de disciplinas de licenciatura em Ciências Biológicas, denominadas Curso de Ciências Biológicas, em conformidade com a Resolução n.º 107/70 do Conselho Federal de Educação, que considerava o currículo de História Natural para a formação de professores capazes de atender ao ensino secundário e à evolução da pesquisa científica. Em 1996, foi aprovada a divisão do Instituto de Ciências Básicas em dois novos órgãos: o Instituto de Biociências Básicas e o Instituto de Ciências Básicas da Saúde, congregando a área médica. Contudo, a grande vertente da área médica, pois os departamentos de Física, Química e Farmácia desejavam localizar-se no Câmpus do Saúde queriam permanecer na área de Ciências Básicas do Câmpus da Saúde.

O Instituto de Biociências é formado por seis departamentos: Biofísica, Botânica, Biotecnologia, Ecologia, Genética e Evolução, de Ecologia e o Centro de Estudos Costeiros e Marinheiros (Ceclimar) constituem seu núcleo. Conta com 94 professores, dois quais 91 técnicos administrativos que atuam em áreas administrativas e aos laboratórios de ensino e pesquisa.

O Instituto oferece três graduações: Licenciatura e Bacharelado; Bacharelado em Ciências Biológicas, com ênfases em Ciências da Saúde e Gestão Ambiental Marinha e Costeira e Gestão Ambiental Marinha e Costeira com a UERGS em Imbé. Considerando o tempo em torno de 875 estudantes de graduação e de pós-graduação.

A partir de 1973, tiveram início as graduações com o lançamento do mestrado, embora o doutorado tenha sido instituído posteriormente, própria criação do Instituto, ainda vinculado à